

❧ PRÊMIO SENADOR JOSÉ
ERMÍRIO DE MORAES —
2003

Este ano coube o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes ao escritor e poeta Bruno Tolentino, pelo livro *O mundo como Idéia*. O premiado foi saudado pelo Acadêmico Miguel Reale. Damos a seguir a saudação proferida por Miguel Reale, e em seguida, as palavras de Bruno Tolentino. Representou a família do doador o Sr. Antônio Ermírio de Moraes, membro da Academia Paulista de Letras.

A distribuição dos bens
masaccio (1401-1429)
Cappella Brancacci – Firenze
Chiesa del Carmine



Sentido universal da poesia

SAUDAÇÃO PROFERIDA PELO
ACADÊMICO MIGUEL REALE

Aos que estranharem a outorga do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes a um poeta, lembraria o estupendo prefácio de Euclides da Cunha ao livro *Poemas e canções* de Vicente de Carvalho, mostrando que “nem tudo é golpeantemente decisivo na profissão de números e diagramas”, como a de engenheiro que ele era e José Ermírio também.

Ademais, o Senador José Ermírio de Moraes foi um empresário do mais amplo espectro, desde a prodigiosa atividade industrial até a fecunda atuação política, com o espírito sempre aberto às necessidades econômicas e às aspirações culturais do País, valores que os seus filhos herdaram, instituindo o prêmio que estamos outorgando, além de várias outras beneméritas iniciativas.

Foi a visão universal dos problemas do poeta Bruno Tolentino que me levou a indicar aos caros confrades da Academia Brasileira de Letras o seu livro *O mundo como Idéia* para receber, este ano, tão hon-

Sessão realizada
no Salão Nobre
da Academia
Brasileira de
Letras, a 4 de
setembro de
2003.

roso galardão. O que me impressiona em sua obra é o sentido universal de sua poesia, não lançando mão de artifícios e artefatos para compor seus versos, mas os desenvolvendo em sintonia com os valores estéticos da pintura e da música.

A projeção ascendente de Bruno Tolentino, desde 1963, quando foi considerado Revelação de Autor, até receber os prêmios Jabuti, em 1995, Cruz e Sousa, em 1996 e Abgar Renault, que lhe foi atribuído, em 1997, por nossa Academia, corresponde à de um poeta *clássico* que ama e cultiva a forma como valor imagético concreto, nela unitariamente fundindo o sensível e o intelectual, a palavra e o seu conteúdo significante.

É em *O mundo como Idéia* que culmina a sua diretriz poética, suscitando desde logo uma pergunta: Idéia em que sentido? Não é por certo, como racionalização final do espírito objetivo, à maneira de Hegel, mas antes como sempre renovado desafio de encontrar a verdade em sintonia com a realidade, sem nunca se subordinar o eterno ao efêmero.

Tolentino declara-se seguidor de Santo Tomás, mas o seu realismo tomista é o de um inconformado com as soluções alcançadas pelo homem em um mundo de perplexas provisoriedades ante o mistério da morte, como o demonstra este soneto:

*O real, fragmento separado
do ser (pela noção de fragmento,
entre outras), foi sendo imaginado
desde o início, talvez, do pensamento,
como conjuração ou como dado,
mas sempre como albeio. Albeamento
que, complicado pelo sofrimento,
levaria o espírito apressado
a uma equação que corrigisse o mundo
substituindo a Idéia ao perecível.
No entanto o coração é um moribundo*

*apaixonado, e como pouco a pouco
a morte o vai reconvocando ao nível
do real, ama-o e nega-o como um louco.*

Tolentino, porém, não é um filósofo, nem faz da filosofia um tema poético, porquanto, antes de mais nada, é ele um poeta que, na sua incansável busca da realidade como verdade, apela para o que nos dizem as artes, sobretudo a pintura e a música, partes integrantes de sua poesia.

Eis aí uma das originalidades do livro que a ABL neste instante consagra: o recurso do poeta a obras de pintores, como Paulo Uccello, Piero Della Francesca, Tommaso Masaccio e Leonardo da Vinci, não como mera ilustração do que é dito, mas como componente essencial do afirmado. Para ele, sem esse apelo às demais artes, o poeta não teria condição de decifrar a verdade última do Ser.

À luz dessa ampla compreensão estética, poderíamos afirmar que, ao ver de Bruno Tolentino, para a solução dos problemas ontológicos não basta a Metafísica, sendo necessário recorrer às artes poéticas, pictóricas, escultóricas e musicais, sem as quais não seríamos capazes de ascender até a realidade em si.

Em última análise, é esse o tema central das 70 páginas do prólogo do livro que estamos premiando, o qual condiciona nada menos de 384 páginas de poemas, muitos dos quais em inglês, italiano, francês e castelhano.

Essa é outra originalidade de Tolentino, que transcende à língua portuguesa e compõe, com reconhecido êxito, dezenas e dezenas de poesias no idioma do lugar em que se encontra, ao lado de Ungaretti em Roma, de seus colegas das universidades de Bristol, Essex e Oxford, e dos companheiros de Paris, talvez pela força que tem a amizade nesse escritor, no fundo um homem solitário.

Se a linguagem, no dizer de Heidegger, é a morada do Ser, também essa é a visão de Tolentino, que transcende às épocas, sabendo ser tanto um clássico do Renascimento como um atormentado homem comum de nossos dias.

Nem se diga que, com essa compreensão universal da poesia, tenha ele se tornado alheio à realidade nacional, tão brasileiro é ele, seja quando expressa

nossos modos de sentir em uma língua estrangeira, seja quando verte esplendidamente para o inglês o extraordinário poema sobre a “Máquina do mundo” de Carlos Drummond de Andrade.

Mas, voltando à indagação do sentido da palavra “Idéia” em seu último livro, talvez seja oportuno lembrar a distinção de Kant entre *conceito* e *idéia*. O conceito segundo ele está em relação com a experiência e nela se constitui como explicação dos entes e de suas relações naturais, podendo ser objeto de verificação metódica e de prova. Já a idéia pertence ao plano da razão pura, não estando sujeita às normas da sensibilidade e da inteligência: plana ela alto no mundo da razão pura, como produto imprescindível da imaginação criadora.

No fundo, é essa a Idéia, ou o Ideal que Tolentino procura em vão alcançar, sendo ele um poeta errante em busca da verdade e da realidade últimas, graças a uma idéia que abrangesse e pacificasse o mundo das inquietações e das perguntas.

É na figura de Zenão de Eléia que o poeta vê o começo da indagação sem fim:

*Zenão, cruel Zenão, Zenão de Eléia,
tu me feriste com o harpão da Idéia,
esse vôo hipotético no ar:
ardo em música e o dardo me atravessa,
solar, a tartaruga não tem pressa
e Aquiles corre sem a ultrapassar...*

O remédio, para que se atinja a Idéia, talvez esteja na língua. Daí o recurso à linguagem que, com seus infinitos espectros, pode nos levar a uma solução superadora das perplexidades do mundo:

*O prodígio da língua, como o lento
desdobrar-se do vento em vendaval,
dá-se no ar, mas vem e vai por dentro*

*de um túnel cristalino e intemporal,
um casulo enraizado no geral
que abrisse seus enigmas no momento:
delicado, fugaz e impessoal.
O acorde a que chamamos pensamento
tem raízes no ser, mas vem no vento
particularizado do real.
E é ali, entre as partículas e o centro.
que desponta o poema, esse cristal:
materialização, refulgência
da luz meticulosa e musical.*

Devemos lembrar que Tolentino viveu dezenas de anos longe do Brasil, tendo vivido o drama atormentado da renovação literária na França, na segunda metade do século passado.

Em um soneto intitulado “Galicismo d’alma”, confessa ter-se sentido perdido no torvelinho das imagens e das idéias então em conflito, até o ponto de emitir juízos temerários contra grandes escritores como Camus e Gide.

Nesse soneto, que fixa um momento trágico de sua vida errante, Tolentino tem o mérito de ser sincero e de não se esconder. São de cunho manifestamente antibiográfico os terríveis versos com que ele investe contra tudo e contra todos:

*Camus foi meu pior entusiasmo,
Claudel minha melhor desilusão,
Rimbaud a minha própria confusão
e Baudelaire o meu primeiro orgasmo.
Mallarmé me deixava um tanto pasmo,
mas fiz minha primeira comunhão
com Bernanos, achando Gide um asno,
Proust o gênio perverso da emoção*

*e Sartre um ressentido. Mauriac
me dava sustos, mas foi Julien Green
quem me tirou do sério e pôs o spleen
do inefável em mim; tive um ataque
quando li Mont Cinère e Leviathan,
minhas flores do mal para amanhã...*

É só em Julien Green que Tolentino julgou ter encontrado resposta às suas perplexidades, em consonância com sua formação religiosa, da qual não queria se afastar. Eis o soneto dedicado a Green:

*A graça é uma promessa exasperante
se a desgraça não vem; foi Green, coitado,
quem, colocando as duas lado a lado
para que as visse bem, deu-me a constante,
o Leitmotiv de uma vida errante,
ávida de promessas: fui amado
por causa disso, e temos conversado!
Sem ele eu não teria sido o amante
sempre absurdamente idolatrado
e cheio da saudade delirante
de ser outro, o que fora batizado,
crismado e colocado ali diante
da Santa Eucaristia e do pecado.
Disse-lho e ele apertou-me a mão durante
meia hora dizendo-me obrigado!*

Esses quatro últimos versos demonstram que a crise do poeta não era apenas filosófica ou estética, mas sobretudo religiosa, e ele se opunha com veemência a tudo que contrariasse as suas crenças.

Mas também Paul Valéry vai ao encontro de sua sensibilidade, abrindo as perspectivas da tão buscada Idéia:

*Pobre Paul Valéry, queria tanto
um vento que o arrancasse ao seu torpor!
Mas em vez de cantar queria o Canto,
a Coisa Pura sem tirar nem pôr,*

*sem tocar nada, a vaga, a chaga ou a flor...
Como esperar que um vento alasse o manto
da sua estranha estátua de isopor
— a Idéia — sem o seu hábil esperanto*

*sem esperança de interlocutor,
era aquela magia sem quebranto,
a geometria? E como ser cantor*

*do mundo-como-idéia sem no entanto
atar as mãos ao vento, esse escultor
a desmanchar estátuas por enquanto...?*

Sempre, pois, o sentimento da provisoriedade, da poesia que se torna estátua “por enquanto” para se volver sempre ao perene fluxo do transitório, que todos os artistas também procuram superar.

É a Leonardo da Vinci que Tolentino dedica um de seus mais belos poemas, considerando-o um poeta em luta com “o mundo como Idéia”. Eis um tópico expressivo desse poema:

*Por mais que tenha a chave
de inferno ou paraíso,
não existe grandeza*

*no gesto que interponha
uma só pincelada,
ou o verso mais perfeito,
entre o instante mortal
e as lendas do conceito:
a vaidade e a beleza,
o verdadeiro e o vão,
quando partilham um leito
engendram uma traição.
Sua Última Ceia
Leonardo a completa
como um poeta luta
com o mundo-como-idéia;*

Essa aliança dos poetas, pintores, escultores e músicos, só ela — ao ver de Tolentino — nos permite penetrar no âmago do ser, sendo realizada uma espécie de *globalização estética*, acima dos gêneros artísticos, assim como acima das diferenças dos idiomas.

Não obstante o recurso ao mundo todo das artes — não distinguindo entre uma “pincelada” e um “verso” — o espírito de Tolentino não encontra paz, e, em poema significadamente chamado “A grande Alma Penada”, não vê solução melhor do que um diálogo dentre Pascal e Baudelaire, após lembrar a proclamação do primeiro “*Le silence éternel de ces espaces infinis m’effraie*”:

*Se Baudelaire, à diferença de Pascal,
odiou a amplidão
e não soube conter a vertigem do mal
no drama da razão,*

*terá sido talvez porque insistiu em ver
o olhar que usurpa e mata:*

*a Medusa da Idéia, esse avatar do ser
que vai virando estátua.*

*Pascal calou-se ante os silêncios infinitos
e ouviu de Deus a cura;
o outro, o ceifador do mal, saiu aos gritos,
como um louco à procura*

*da comisseração que os abismos não têm.
A simples diferença
entre o temor a Deus e o pânico de alguém
que O não escuta é imensa.*

*Um radical, um jansenista, um puritano
da estirpe de Pascal,
teme a misericórdia de Deus (se não me engano);
mas nem em Port Royal,
aquela fortaleza do orgulho, houve lugar
jamais para um bueiro
de que o Céu se tornasse a tampa tumular
e o velho desespero*

*a bússola da vida, ou um contrapeso a ela.
Vira a alma penada
o poeta imortal que ao abrir a janela
vai do Infinito ao Nada.*

Como estão vendo, não me atrevi a me manifestar sobre o *valor poético em si* da obra de Bruno Tolentino, por faltar-me o dom da crítica-poética de Alberto Costa e Silva, Lêdo Ivo e Ivan Junqueira, tendo preferido estudar a razão de ser do livro intitulado *O mundo como Idéia* que permeia todos os seus poemas.

Uma última observação me seja permitido fazer. Pode parecer que, tendo vivido tantos anos fora do Brasil, Tolentino tenha se alheado do que se entra-
nha na cultura brasileira. Para provar que esse alheamento não se dá, lembro
que, em sua obra, há diversos estupendos poemas integrados em nossas cir-
cunstâncias como, por exemplo, os dedicados ao nosso confrade Ivan Junquei-
ra; a já citada versão para o inglês da “Máquina do Mundo”, de Carlos Drum-
mond de Andrade; e, finalmente, os cem sonetos finais, de rara beleza, em ho-
menagem a Ferreira Gullar, a demonstrar que diferenças ideológicas não afas-
tavam os dois poetas do comum amor à poesia.

Discurso do poeta Bruno Tolentino

Senhor Presidente, ilustríssimos senhores Acadêmicos, ilustríssimo e digníssimo senhor Antônio Ermírio de Moraes, meus amigos, meus inimigos – como diria Bandeira.

É a segunda vez que ocupo esta tribuna, e pensei muito, desde então, na possibilidade de vir a ocupá-la um dia, mas certamente não em circunstâncias como esta.

Não creio que exista um único escritor brasileiro que não tenha a aspiração de integrar-se a esta Casa de algum modo. O sonho de Machado de Assis na realidade atávica do gênio brasileiro, esta Casa é, naturalmente, o casulo onde se dá a transformação do verme em borboleta. Pode parecer extraordinária esta idéia, mas pensei muito nela. A Academia Brasileira de Letras não é exatamente um lugar onde se chega pronto. É um lugar que completa uma certa visão do país. Os que estão dentro como os que estão fora pertencem a esse mesmo processo, e não há dúvida disso. Há muito tempo, desde que eu era criança, Manuel Bandeira brincava muito comigo e dizia jus-

Proferido de
improviso.
Transcrito de
gravação, sem a
revisão do Autor.

tamente isso: – “Muito cuidado com o que disser. Um dia terá que dizê-lo de fardão.” Era uma maneira de me intimidar um pouco aquela língua terrível que eu tinha.

Em todo o caso, pensando na probabilidade de deixar os meus ossos descansando junto aos de Machado e Manuel, que afinal de contas foram a vida inteira os meus únicos modelos, não poderia de modo algum imaginar que a próxima vez que ocupasse esta tribuna seria para ouvir as coisas que acabamos de ouvir, e nas circunstâncias as mais inesperadas. Porque é certo que ao compor este livro ao longo de quarenta anos eu tive uma idéia de Brasil, uma idéia de cultura, uma interrogação entre essa idéia e a fé que eu poderia ter nela.

É claro que se escreve, se compõe para uma comunidade de língua, de cultura. Não se escreve no vácuo, não se faz coisa alguma fora de um contexto muito preciso, que é antes de mais nada, diria eu, um contexto racial. Digo isto no sentido mais profundo e intrínseco do que significa raça nesse sentido: a tribo, a raça. Os tupis não são tupiniquins, os aimorés não são aimorés, tamoios e assim por diante.

É claro que nesse sentido a busca de definição nacional não pode deixar de ter preocupado a todos os escritores a que nos curvamos, sobre esta língua, “a última flor do Lácio”, que está cada vez mais bela e menos inculta. Nesta caminhada, tentando chegar a uma decisão quanto a poder aspirar a esta tribuna uma outra vez, simplesmente me esqueci de que a realidade, a inexorável positividade do real anda muito adiante de nós, e que nada, absolutamente nada, se faz sem uma consequência, sem um resultado. E que, com toda as minhas idiosincrasias, – afinal de contas sou obrigado a referir os meus defeitos porque são as únicas coisas que eu conheço bem – as minhas rebeldias, as minhas impertinências, podia perceber aonde é que ele estava me levando, mas não podia – e é isto que torna o real mais importante do que todas as idéias que possamos ter dele – imaginar a reação, o efeito desta busca da expressão nacional, em termos paradoxalmente políglotas, a recepção que isto viesse a ter. Tanto é assim que considerei, todo esse tempo, este o meu único livro. *Le livre* – diria Mallar-

mé. Não sei bel se é verdade, mas em todo caso, todos os outros não teriam sido senão uma espécie de degraus para este patamar.

Bem, até aí poderia eu pensar: tudo bem... quem sabe depois de publicar este livro, se conseguir terminá-lo e publicá-lo, quem sabe então pedirei àqueles senhores licença para ocupar aquela tribuna outra vez. Porém, como mais um candidato, mais um escritor brasileiro aspirando a uma cadeira nesta Casa. Jamais como homenageado desta Casa, por iniciativa de pessoas do nível honroso de... bem, a lista é muito longa... do Professor Miguel Reale, que chamei, mais de uma vez, há muitos anos, como o “decano da mente livre”. A idéia de que pudesse ele me trazer aqui, ele me colocar nesta situação, realmente, honestamente, senhores, esta não me passou pela cabeça. Até porque desconhecia as ligações do Professor Reale com o Senador José Ermírio, como desconheço muitas outras coisas importantes que no Brasil valem a pena.

De maneira que não preparei um discurso para esta ocasião, não acabei de entender o que estava de fato se passando. Durante todo esse tempo tomei várias notas, do que eu diria ou não diria, mas a verdade é que não me via aqui, não conseguia me ver a dizer as coisas, e muito menos a ouvir justamente essas coisas. Não conseguia fazer esta transferência do óbvio para a realidade vivida. É assim que o real se manifesta para um artista. Talvez um filósofo sinta isto diferentemente, e certamente um cientista. Mas um poeta só acredita no real quando a pedra lhe cai na cabeça. Ele tem uma relação não tanto de hesitação, mas de desconfiança em sua própria idéia do real. Esta em todo caso terá sido a minha conclusão da leitura que fiz durante tantos anos da poesia universal.

Evidentemente os senhores podem perceber a minha confusão, a minha emoção e a minha perplexidade – isto creio que Deus vai me dar até o último momento: a capacidade de estar aquém daquilo que acontece, de estar perpetuamente surpreendido com o que me acontece, seja excelente ou não.

Neste momento, recordo-a primeira coisa que me aconteceu, à qual o Professor Reale acaba de fazer referência. Em 1960, quando, repentinamente, me comunicam que eu havia ganho o prêmio Revelação de Autor. Como? Eu não concorri a prêmio nenhum. Minha mãe e meus primos haviam reunido os

meus poemas e feito essa inscrição. Um dia o Acadêmico Lêdo Ivo me telefona — Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo eram os dois outros membros do júri — e diz coisas como as que ouvi acabei de ouvir. Imaginem o efeito dessas palavras num jovem poeta. Aliás, note-se aqui que, nessa trilogia de poetas do primeiro prêmio Revelação de Autor, Manuel Bandeira ficou bastante confuso quando recebeu esses manuscritos, com todos aqueles poemas que ele conhecia tão bem, que ele me mandava refazer. Em relação a alguns ele dizia: neste você não mexe mais não. Eram esses poemas que estavam ali, de maneira que ele os conhecia muito bem. Como é que ele iria ser o juiz disso? A solução estava ali à mão: ele colocou nas mãos de Lêdo Ivo a decisão, como relator do prêmio.

A partir daí a minha vida intelectual, a minha vida enquanto artista não foi senão uma série de surpresas, de choques agradáveis, porque afinal de contas são sempre um consolo. O que temos na cabeça é sempre muito pior. Disso estou convencido. Essa série de surpresas me faz, não obstante, não me preparar para o que eu ouvi aqui hoje do Professor Reale. Até porque há uma extraordinária coincidência — e com isto pretendo terminar de importunar a vossa paciência. Atualmente faço parte do Instituto de Fé e Cultura da PUC de São Paulo, e nessa condição tenho que atender muitos alunos, muitas pessoas que vêm me procurar, que queiram conversar, todas as tardes de quarta-feira, quando fico à disposição.

Desde a publicação de *O mundo como Idéia* tenho ouvido coisas impressionantes dos jovens que sabem onde me encontrar e portanto lá vão. O que mais me impressionou recentemente foi um certo jovem poeta. Não vou dizer-lhe o nome, e certamente todos vão saber quem é, um erudito, a pessoa que mais me recorda José Guilherme Merquior, sem o qual me é muito difícil viver. É muito difícil estar no Brasil na ausência de José Guilherme. Afinal de contas, sempre estivemos às turras, ali no mesmo espaço. Esse rapaz me fez recentemente uma análise, uma leitura desse livro tão parecida com a que o Professor Reale acaba de fazer, tão idêntica nas expressões, na escolha dos textos, que a minha conclusão agora é a seguinte: o milagre que é a arte, a cultura, o pensamento — *la vie de l'esprit*, diriam os franceses. Como é possível, num país de que já se disse

que não dá certo, que não vai dar certo, que dois intelectos separados por nada menos que setenta anos tenham a mesma qualidade do toque do cristal (sabe-se muito bem o que é o cristal quando se bate nele), a mesma intensidade, a mesma oportunidade, a mesma atualidade.

É isto que nos faz ter a certeza de que, como dizia Nélide Piñon, o Brasil vai dar certo porque Machado de Assis deu certo – aliás, a coincidência vai a tal ponto que se torna orgânica, é como a simbiose de forma e conteúdo. A existência de Machado de Assis logo no início do projeto nacional brasileiro enquanto identidade independente é de tal maneira significativa, simbólica, indicativa do destino nacional, que não podemos ignorar essa dimensão. Note-se que na Argentina nossos queridos vizinhos esperaram até o final do século XX para receberem o seu Jorge Luis Borges, o único escritor sul-americano à altura de Machado de Assis. O Brasil começa com Machado de Assis.

Na tentativa de dizer alguma coisa de conseqüente, nesta tribuna, que não tivesse a ver comigo, diria que andei relendo com toda atenção o magnífico livro de Gustavo Corção, *O desacerto do mundo*, onde há um ensaio magnífico sobre Machado de Assis. Aliás, consultei vários ensaios recentemente sobre Machado. Ali diz Gustavo Corção uma coisa que nos diz respeito a todos neste momento, mais do que nunca, em que as gerações se unem, as águas se misturam, nesse ponto de mistério profundo do ser, de manifestação profunda da nacionalidade, da vida do espírito de uma tribo, uma tribo que dúvida tanto de si. Gustavo Corção faz uma observação, que a mim é particularmente cara e que não será alheia aos corações de Vossas Senhorias. Ele nota que o grande criador de *Brás Cubas* (1881), de *Quincas Borba* (1891), dessa galeria de horrores da condição humana, desse personagem que se definia já de saída como um defunto-autor, que escrevia “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”, este homem que não tinha ilusões sobre a natureza humana, que fez, por assim dizer, a biografia do pecado original, como poucos fizeram na literatura universal, como talvez Diostoiévski ou o grande escritor francês Julien Green – que era francês *parce qu’il le voulait, non parce qu’il l’était*. Nós temos toda essa afinidade com o espírito eslavo, e aí está a genialidade de Machado, este homem ex-

traordinário que não podia ter ilusões sobre a natureza humana, que foi tido como amargo, cético, negativo. A verdade é que este homem, a partir de 1896 – três anos antes da publicação de *Dom Casmurro* (1900), a meio caminho da publicação do seu quarteto fabuloso que terminará com *Esau e Jacó* (1904), ao qual haverá uma pequena coda com *O memorial de Aires* (1908), que ainda não consegui colocar bem na minha análise – até o último momento de sua vida, em 1908, fez o que nos toca, o que nos cabe a todos fazer todos os dias: com a pena da galhofa e a tinta da melancolia podemos naturalmente complicar a vida, e devemos complicá-la, devemos esmiuçar, devemos descrever. *Le devoir du cepticisme*, como dizia Montaigne, está conosco, é um legado da modernidade. Não há como escapar a ela.

Não obstante, paralelo a isto, este mesmo homem criava, diuturnamente, esta Academia, o sonho desta Casa, o sonho desta teia perfeita, em que pudesse caber a essência da nacionalidade, com todas as imperfeições que ele lhe conhecia. E conhecia muito bem, a ponto de torná-las imortais, as deformações da alma nacional. Não obstante tudo isto, este homem esteve até o último momento – nas cartas a Joaquim Nabuco, na correspondência com Magalhães de Azeredo, com os amigos – insistindo nisto, induzindo as pessoas a virem a esta Casa. Conseguia verbas, criava até o último momento esta realidade. Machado teria sido tudo, menos um homem vaidoso. Certamente não era por vaidade, não era como para um pedestal para si mesmo que Machado fazia esse trabalho excepcional.

Este, senhores, é o ponto que todos temos em comum. Podemos ser grandes escritores, péssimos escritores, escritores medianos, escritores medíocres. Podemos ser tudo isso, mas não temos como descurar o trabalho de unidade nacional que esta Casa representa, que por aqui passa e aqui se salva necessariamente. Aqui começa, aqui deságua e aqui vem. Até o último momento, durante os dois anos de viuvez, após a morte de Carolina – após o seu último soneto, “A Carolina”, que por acaso coincide com o primeiro de Manuel Bandeira, “A renúncia” – nesses dois anos Machado se curva sobre o término do seu trabalho literário, mas em nenhum momento descurou do dever de participação, que tantos de nós, por idiossincrasia, por orgulho, por mal-entender até mes-

mo a essência das coisas, muitas vezes dizemos: – Ora, a Academia?!... ora, mas como assim?... Fulano não precisava da Academia... Jorge de Lima era maior que a Academia...

Nenhum escritor, nem mesmo Machado de Assis, e muito menos Machado de Assis, é maior que a Academia Brasileira de Letras, é maior do que a nacionalidade brasileira, o gênio nacional, que está aqui localizado, encarnado tanto quanto possível, mas certamente localizado.

A última palavra seria... não sei como agradecer ao Professor Reale e a presença desta brilhante Mesa, e especialmente àqueles que não tinham que estar aqui. Poderiam estar aqui no dia 19, mas hoje é uma cortesia especial a presença de certos cavalheiros aqui.

Não posso encerrar isto sem recordar as vezes em que aqui estive, desde muito pequeno, quando minha tia Jujuca, aquela belíssima figura, era a rainha desta Casa. Aqui vínhamos, crianças, comer biscoitos às escondidas e ficávamos por aí a ouvir sessões. Não posso deixar de recordar as figuras extraordinárias que já ocuparam esta Casa e foram importantíssimas, decisivas na minha formação e na minha definição enquanto membro da nacionalidade brasileira. Entre essas figuras, Antônio Houaiss, que desde 1953 foi o meu primeiro modelo. Há muitos outros, como José Guilherme Merquior, que já mencionei.

Quando deixei o Brasil, em 1964, eu não havia ouvido falar de Miguel Reale. Ao chegar à Itália, em setembro de 1965, em Portofino, no restaurante, num almoço em que estava o grande jurista Carnelutti, ouvi falar pela primeira vez de Miguel Reale. Ele me fez ir a Torino, à casa de sua filha, para que ele me explicasse o que era a Teoria Tridimensional do Direito. Então, vejam como é que a vida, de um modo circular, nos traz de volta aqui, para ouvir o que eu ouvi. Os senhores podem imaginar, então, a minha emoção.

A última evocação, a de um poeta que não pertenceu a esta Casa, e que era não obstante a sua encarnação, se é que se pode falar em reencarnação no caso de Tasso da Silveira. A Academia concedeu-lhe o Prêmio Machado de Assis no ano de 1959, pouco depois da publicação do seu esplêndido último livro, *Puro canto*. A figura do uirapuru das neves, essa enorme cabeleira branca, cego já

como estava, tateando para subir a esta tribuna e fazer o seu discurso, nunca me saiu da cabeça. Admirei-o, acompanhei-o, estudei-o, amei-o durante muitos anos. Mas essa imagem, essa particular visão tem tudo a ver com o que dizia Corção há algum tempo, em observação ao que eu dizia, do significado profundo de um escritor. Tasso da Silveira não era um membro da Academia, mas era um espírito encarnado desta Casa. E naquele momento ele a encarnava melhor do que ninguém. Com esta observação termino, e já que ouvi tanta poesia de segunda categoria, preciso agora reequilibrar as coisas com um soneto magistral, o último de Tasso da Silveira. Agradeço aos senhores de antemão, porque depois da leitura do poema creio que não vou mais falar. Agradeço a todos, agradeço *gauchement* — afinal, chegou o meu momento de ser *gauche* na vida. Diz Tasso da Silveira no Soneto XXXII:

*Somos aves do mar, batendo, ansiadas,
as asas, num viveiro de pomar.
Em torno, ao vento, agitam-se as ramadas:
ao vento vivo que nasceu do mar.*

*Ab, que nunca dobremos resignadas,
as asas, nem deixemos de sonbar.
O vento vem em trêmulas lufadas;
e no canto do vento vem o mar...*

*Se entre as formas efêmeras nascemos
foi para que a alma eterna que trouxemos
em si mesma realize, a soluçar*

*a absoluta beleza, à nostalgia
das origens divinas a que um dia
retornaremos como para o mar...*